

Ações educativas desenvolvidas no dia internacional da mulher: relato de experiência**Educational actions developed on international women's day: experience report**

DOI:10.34119/bjhrv3n3-170

Recebimento dos originais: 01/05/2019

Aceitação para publicação: 10/06/2020

Aline Cândida de Araújo

Graduada em licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco.

Professora de Ciências Humanas do Ensino Fundamental e Médio.

Instituição: Colégio de Aplicação - UNIVISA

Endereço: R. Valter de Barros, 71 - Cajá, Vitória de Santo Antão - PE.

E-mail: aline.candida@hotmail.com

Talita Giselly dos Santos Souza

Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco

Mestre em Saúde Humana e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Pernambuco

Professora de Biologia do Ensino Médio

Instituição: Colégio de Aplicação - UNIVISA

Endereço: R. Valter de Barros, 71 - Cajá, Vitória de Santo Antão - PE

E-mail: talitagiselly@univisa.edu.br

Gleidson Gomes do Nascimento

Graduado em Letras Português Licenciatura pela Universidade Federal de Pernambuco

Professor de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio

Instituição: Colégio de Aplicação - UNIVISA

Endereço: R. Valter de Barros, 71 - Cajá, Vitória de Santo Antão - PE

E-mail: gleidson2k@gmail.com

Lucas Gabriel da Silva Santos

Mestrando em Química pela Universidade Federal Rural de Pernambuco

Graduado em Engenharia Química pela Universidade Federal de Pernambuco

Técnico em Química Industrial pelo Instituto Federal de Pernambuco

Professor de Química e Iniciação Científica no ensino fundamental e médio

Instituição: Colégio de Aplicação - UNIVISA

Endereço: R. Valter de Barros, 71 - Cajá, Vitória de Santo Antão - PE

E-mail: lucasgabriel@univisa.edu.br

RESUMO

Oficialmente, a partir do ano de 1975, a data oito de março foi definida pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o Dia Internacional das Mulheres. Levando em consideração todo contexto histórico a respeito da trajetória das mulheres até a sociedade moderna, além dos dados a respeito de violência e machismo enraizado, faz-se necessário a abordagem da temática para gerar reflexões e senso crítico na sociedade. Diante desse contexto, o presente trabalho busca apresentar uma sequência didática realizada por professores em uma escola privada no

município de Vitória de Santo Antão – Pernambuco, onde, a partir do ambiente escolar, foram abordados temas relacionados à violência contra a mulher, prevenção e saúde, além de reflexões históricas sobre a origem da data em questão. Para isso, foram realizadas oficinas e palestras com o intuito apresentar para os alunos de forma mais didática o possível, questões voltadas à temática, para colocar em evidência os múltiplos papéis adotados pelas mulheres na sociedade em que vivemos. No que concerne às questões didáticas, é sabido que, diante do contexto de ensino-aprendizagem, seja qual for seu âmbito, é necessário o desenvolvimento de habilidades pedagógicas para serem colocadas em práticas, visto a necessidade de uma aprendizagem mais significativa e eficaz.

Palavras- Chaves: Educação, Oito de março, Sequência Didática.

ABSTRACT

Officially from the year 1975, the date March 8 was defined by the United Nations (UN) as the International Women's Day. Taking into account the entire historical context regarding the trajectory of women to modern society, in addition to data on violence and rooted machismo, it is necessary to approach the theme to generate reflections and critical sense in society. In this context, the present work seeks to present a didactic sequence carried out by teachers in a private school in the municipality of Vitória de Santo Antão - Pernambuco, where from the school environment themes related to violence against women, prevention and health were addressed, in addition to historical reflections on the origin of the date in question. For this, workshops and lectures were held in order to present students with the most didactic possible, questions aimed at highlighting the multiple roles adopted by women in the society in which we live. Regarding didactic issues, it is known that in the context of teaching and learning, whatever its scope, it is necessary to develop pedagogical skills to be put into practice, given the need for more meaningful and effective learning.

Keywords: Education, Eight of March, Didactic Sequence.

1 INTRODUÇÃO

Com sua audiência heterogênea bem fixada, a escola da contemporaneidade é o espaço no qual, diante de tantas complexidades, objetivos são elaborados e avaliados por meio de instrumentos pré-estabelecidos. O processo de ensino-aprendizagem, de comunicação presente neste ambiente é de suma importância, principalmente, se enxergado de maneira colaborativa, como atividade de grupo. Nessa concepção, diversas temáticas podem ser abordadas pelos docentes com o intuito desafiar os educandos a refletirem e trabalharem em conjunto para alcançar objetivos em comum, levando em consideração os conhecimentos prévios e respeitando a diversidade dos saberes (TORRES; ALCANTARA; IRALA, 2004).

É através desse olhar didático que a escola se torna um espaço importante para educar, informar, conscientizar e estimular o pensamento crítico (VIEIRA, 2017). Dessa forma, é essencial trazer temas transversais para esse ambiente, como violência contra mulher e seu empoderamento social, promoção da saúde feminina e equidade de gênero. Além disso, é

importante realizar abordagem acerca do contexto histórico-social que envolve a comemoração do Dia Internacional da Mulher, com objetivo de ressignificar a real importância dessa data, assim como transcender supérfluos costumes comuns enraizados que permeiam tal comemoração (BOTTON; STREY, 2018; SILVA BUENO; AZEVEDO, 2019).

A realização de ações voltadas para essa temática deve utilizar como estratégia de aprendizagem uma abordagem lúdica e grupal, através de rodas de discussão, oficinas e palestras, com o intuito de estimular o educando a participar (MARIA, 2009). Nesse diálogo escolar, o papel do professor e do aluno é mútuo, de troca, isto é, cria-se um senso de responsabilidade entre a tênue linha de ouvir e falar, ou seja, participar ativamente nessa construção dos saberes. Afinal, dialogar é, além de ultrapassar a simples verbalização de conteúdo, “falar com o outro numa luta comum em busca de objetivos” (EHLICH; TILBURG, 1986).

Nesse viés, o presente projeto considerou importante realizar uma abordagem com estudantes sobre o papel da mulher ao longo da história e na atualidade, além de refletir como isso se faz presente em nosso próprio círculo de relações cotidianas. Outrossim, a partir da elucidação de contextos sociais e experiências diversas, foi possível conduzir e analisar discursos elaborados pelos participantes do projeto. Entende-se, aqui, o papel do discurso que não se resume simplesmente à exposição de uma luta ou propósito, mas os motivos, o “por que” e “para que” dessa luta (FOUCAULT, 1996).

Conforme Larrosa (2002), o pensar, do contrário que nos tem sido ensinado por vezes, ultrapassa o simples argumentar, faz-nos refletir sobre o sentido do que somos e o que vivenciamos. Dessa forma, todo o nosso planejamento e execução foi fruto de um velho questionamento: que tipo de alunos pretendemos formar? E a resposta se encaixa na possibilidade de ações e metodologias coordenadas que contribuem para o protagonismo estudantil por meio do senso crítico diante do mundo que o cerca.

2 DESCRIÇÃO DA ABORDAGEM REALIZADA NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER

2.1 AMBIENTE E PARTICIPANTES DAS ATIVIDADES

O ambiente de realização da abordagem compreendeu uma escola da Rede Privada, localizada na cidade de Vitória de Santo Antão – PE. A sequência didática foi realizada no dia Internacional da Mulher para tratar de temáticas dedicadas às conquistas sociais, igualdade de gênero, saúde feminina e violência contra a mulher. Participaram das atividades as turmas do

9º ano do ensino fundamental, bem como 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, totalizando 105 alunos.

2.2 ABORDAGEM TEÓRICA NA SALA DE AULA

Previamente, nas aulas de história, foi buscado apresentar para os alunos o papel da mulher em várias sociedades e tempos históricos, de forma a contextualizar com a presente realidade. Quando falamos sobre mulheres, precisamos entender sobre qual mulher estamos falando, e dessas premissas partiram nossas observações.

De acordo com Silva e Silva (2011), há muitos tipos de mulheres diferentes ao longo da história, que possuem condições sociais distintas, dependendo de números fatores, como cor de pele, etnia, classe, dentre outros. Dentro da perspectiva histórica, foi buscado partir do princípio, e apresentar para os alunos os modos pelos quais a revolução agrícola provocou mudanças nas relações existentes entre os seres humanos ainda no final do Neolítico. Destacamos o papel feminino dentro desse contexto, mostrando que a agricultura trouxera novas obrigações para as mulheres da referida sociedade.

Nesse panorama, foram projetados alguns vídeos de desenhos animados que apresentam representações das relações entre homens e mulheres no período histórico intitulado de “pré-história”. Essas animações, ao fazerem uso dessas relações nesse dado recorte temporal, por muitas vezes, descrevem o homem como forte, superior, com um bastão em uma de suas mãos, e puxando a mulher pelos cabelos. A partir desse momento, juntamente com os alunos, foi realizado uma análise sobre qual era o verdadeiro papel feminino nas primeiras sociedades. Para dar sequência a essa abordagem inicial, falamos sobre a figura feminina na Idade Antiga Clássica, mais precisamente em Atenas, onde a grande maioria das mulheres, nesse corpo social, desenvolvia as funções de reprodução, cuidados com lar e com os filhos, não possuindo direitos políticos.

Por fim, levamos adiante nossas análises e tratamos também sobre trajetórias de algumas mulheres negras e indígenas coloniais, destacando seus processos de vida e resistências. Nessa realização da abordagem inicial feita em sala de aula, em nenhum momento buscamos apresentar uma proeminência a partir dos tempos históricos da condição de ser mulher. A ideia foi justamente mostrar quais as condições femininas em diferentes espaços e tempos, e apresentar que muita coisa ainda precisa ser construída e modificada.

2.3 CICLO DE OFICINAS E PALESTRA

Para dar início a nossa sequência didática, dividimos o grande grupo em três equipes adjacentes, visto a necessidade de realizarmos de maneira sincrônica a passagem de todos pelas três palestras/oficinas que foram preparadas. Cada grupo ficou com trinta e cinco alunos, sem nenhum critério estabelecido no processo de separação. A metodologia utilizada incide no desenvolvimento de atividades em ambientes distintos, porém, que sejam complementários diante de uma problemática estabelecida. Assim, passando por todos os espaços, os alunos alcançam maiores resultados no processo de ensino e aprendizagem.

Cada oficina teve duração de 40 minutos, e, ao final de cada uma delas, os grupos eram intercalados. Contamos com a participação de um professor para orientar os alunos no momento das trocas de salas, visto a necessidade no quesito organização. Abordamos em uma das salas o tema *violência contra a mulher*; no segundo espaço foi proposto aos alunos uma oficina sobre *prevenção e saúde*; e no terceiro local, os estudantes puderam vivenciar *como surgiu historicamente o dia oito de março*, bem como suas controvérsias e representações.

2.3.1 Oficina - “Violência contra a mulher”

A intenção da oficina teve como objetivo discutir a violência contra a mulher brasileira, fosse ela sexual, moral, física, psicológica ou patrimonial dentro de casa, a chamada violência doméstica. Essa temática foi desenvolvida alicerçada na importância da realização de denúncias e de programas de apoio de proteção às vítimas. Colocou-se também para reflexão a questão do machismo atuante na sociedade como forma de subserviência da mulher.

A cada 17 minutos uma mulher é agredida fisicamente no Brasil. Toda semana 33 mulheres são assassinadas por parceiros antigos ou atuais. Cerca de 50% dos estupros são cometidos por companheiros e familiares, conhecidos da família apresentam pouco mais de 15%, os vizinhos são 3,7%, enquanto os estupradores desconhecidos da vítima representam 31%. As mulheres entre 18 e 59 anos são as que mais sofrem quando o assunto é violência doméstica, cerca de 83,7%. Já, quando se fala em estupro, as vítimas menores de 14 anos de idade são as mais afetadas, com 43%¹. Trazer esse tema para discussão escolar gera benefícios para a sociedade de maneira geral, mas principalmente para as próprias alunas que ficam cientes

¹ Mapa da Violência Contra a Mulher, 2018, disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/comissao-de-defesa-dos-direitos-da-mulher/cmulher/arquivos-de-audio-e-video/MapadaViolenciaatualizado200219.pdf/> Acesso em 21 de abril de 2020.

de qualquer tipo de mal intenção, ou até mesmo abuso que tenham sofrido ou que venham a sofrer e de ferramentas que possam lhe auxiliar em sua defesa contra seus algozes.

Os alunos foram informados do disque 180 criado pela Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM) e informados de que a denúncia é realizada de forma anônima, gratuita e está disponível 24h por dia em todo o território nacional. O número da polícia militar, 190, também foi discutido com os alunos, mostrando-lhes que a vítima ou testemunha pode entrar em contato com esse canal e solicitar uma viatura da polícia militar até o local. Também foi apresentada e discutida A lei Maria da Penha, Lei n. 11.340, que estabelece que todo caso de violência doméstica domiciliar e intrafamiliar é crime, devendo ser apurado através de inquérito policial e ser remetido ao ministério público (CNJ, 2019).

O machismo é um preconceito, expresso por opiniões e atitudes, que se opõe à igualdade de direitos entre os gêneros, favorecendo o gênero masculino em detrimento ao feminino (BOTTON; STREY, 2018). Discutiu-se com os alunos o fato de que uma pessoa machista é aquela que acredita que homens e mulheres têm papéis distintos na sociedade, que a mulher não pode ou não deve se portar e ter os mesmos direitos de um homem ou que até mesmo julga a mulher como inferior ao homem em aspectos físicos, intelectuais e sociais. O machismo fundamenta-se em relações sociais estruturais de opressão-exploração-domínio que organizam a sociedade, em que a mulher é vista subalterna ao homem (CFESS, 2019). Nessa perspectiva, os alunos puderam indagar sobre o impacto que o machismo tem na sociedade e que afetam diretamente na violência doméstica, corroborando com os ataques que as mulheres sofrem dentro e fora de casa, seja na sua casa ou até mesmo no trabalho.

2.3.2 Oficina - “Prevenção e saúde da mulher”

A oficina foi proposta com intuito de trabalhar com os alunos as principais doenças que acometem as mulheres atualmente no Brasil, além de tratar das formas preventivas. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estudantes entre 14 e 17 anos compõem um grupo prioritário para o desenvolvimento de atividades dentro das políticas públicas e saúde (BRASIL, 2010). Diante disso, Vieira (2017) considera a escola como um dos espaços mais importantes para promoção da saúde, sendo um ambiente crucial para informar, educar, estimular e conscientizar.

O período escolar constitui um momento de descobertas, mudanças nos órgãos e alterações hormonais, além de novas vivências cotidianas como namoro, sexo, dentre outras experiências. Nesse momento de mudanças, os jovens precisam receber orientações, visto que,

muitas vezes, eles não são abordados em casa pelos pais, logo a iniciação sexual precoce e o não uso de meios de prevenção podem acarretar em Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e/ou gravidez precoce, sendo esses os principais aspectos evidenciados nos jovens (BRASIL, 2010). Em relação à fecundidade, foi relatado aumento da proporção de meninas entre 15 e 19 anos que já eram mães, e que por esse motivo sua educação formal foi interrompida de forma parcial ou permanente. A escolarização tardia traz sérias consequências na forma de inserção no mercado de trabalho e o rendimento destas jovens (UNFPA, 2013; IBGE, 2015).

Diante do exposto a oficina buscou apresentar, de forma dinâmica e participativa, dados epidemiológicos para tratar a importância da prevenção e como a ocorrência de doenças e gravidez precoce pode impactar na vida dos adolescentes, principalmente no gênero feminino. A oficina foi mediada por uma enfermeira e a professora de biologia da escola. Inicialmente, levantaram-se algumas reflexões através de perguntas, como: Quais as principais doenças que acometem as mulheres brasileiras? Quais exames uma mulher precisa fazer rotineiramente? Você sabe quantas mulheres morrem de câncer de mama e colo do útero? Como anda sua menstruação? Através desses questionamentos os alunos começaram a refletir e interagir com os mediadores. Vale ressaltar que a participação aconteceu de forma espontânea tanto das meninas quanto dos meninos.

Posteriormente, os mediadores utilizaram vídeos e uma apresentação em Power point para mostrar alguns dados referentes à saúde da mulher. Eles evidenciaram que, no Brasil, o câncer de mama ocupa o primeiro lugar no ranking de causa mais frequente de morte por câncer em mulheres; já o câncer de colo de útero está em quarto lugar (INCA, 2019). Também abordaram dados mostrando que as ISTs estão entre as doenças transmissíveis mais comuns e que elas têm impacto direto na saúde da mulher, diminuindo a qualidade de vida, acarretando infertilidade, parto pré-maturo, morbimortalidade fetal, dentre outros (BRASIL, 2015). Também foi mostrado que a população mais afetada pela sífilis são as mulheres (BRASIL, 2019); que cerca de 15% de todos os casos de câncer em humanos são causados por infecções virais, e que 5% podem ser atribuídos a infecções pelo papilomavírus humano (HPV) (BANSAL, 2016).

Levando em consideração os dados apresentados, os mediadores questionaram os alunos sobre quais seriam as formas preventivas e quais exames devem ser realizados rotineiramente pelas mulheres. Após as respostas dos alunos, os mediadores expuseram os principais métodos contraceptivos para prevenir ISTs e a gravidez, além de discutir como a gravidez precoce pode impactar na adolescência. Também mostraram um vídeo educativo com os principais exames

que as mulheres precisam realizar de forma preventiva. Durante todo o processo, os alunos tiraram dúvidas e expuseram seus pensamentos a respeito dos temas abordados. Os mediadores observaram que a palestra educativa e a roda de conversa são instrumentos pedagógicos eficazes para informar, conscientizar e permitir trocas entre os profissionais e jovens. Assim, o ambiente escolar é um espaço crucial para sensibilizar os alunos em relação aos hábitos de vida os quais venham promover a própria saúde.

2.3.3 Palestra – “Como surgiu historicamente o dia oito de março”

Dentro da perspectiva do contexto histórico, foi realizada uma explanação sobre o surgimento do dia oito de março, levando para os estudantes informações sobre o II Congresso Internacional de Mulheres Socialistas, realizada em Copenhague em 1910, onde, na ocasião, Clara Zetkin propôs a instauração de uma data para a realização de um Dia Internacional da Mulher, visto a luta desenvolvida por mulheres de diferentes regiões por direitos e igualdade (BLAY, 2001). Por maiores participações no campo político, as mulheres também se voltaram para as questões relacionadas ao sufrágio universal, que se tornou uma das pautas do movimento. Em virtude desse assunto, fizemos um paralelo com as aulas de história, apresentando para os alunos as circunstâncias das condições de trabalho nas fábricas da Europa, e, mais para frente, em outros países como os EUA, frutos da ampliação da Revolução Industrial.

Dentro desse contexto, apresentamos algumas imagens para retratar os movimentos operários e socialistas realizados que buscavam por melhores condições de trabalho, inserindo aos poucos, a participação feminina também nessa procura. Além disso, abordamos questões sobre violências sexuais, físicas, altas jornadas de trabalho e baixos salários que as mulheres eram submetidas. Por consequência, apresentamos aos alunos quais eram as condições das instalações físicas das fábricas não apenas na Europa, mas também em outras regiões no momento em que a Revolução Industrial começou a se espalhar para outras localidades.

De acordo com as informações apresentadas pela Cornell University², no caso dos EUA, a fábrica Triangle Shirtwaist Company possuía péssimas instalações elétricas, chão de madeira, o que, de fato, proporcionou para que o fogo se espalhasse de uma maneira muito intensa. Na ocasião, somaram-se 146 mortes, destas 125 eram mulheres. Os dados sobre esse acontecimento encontram-se dispostos no Embasados. Nessa perspectiva, fizemos uma discussão com os

² História e dados sobre o incêndio na Triangle Shirtwaist Company, disponível em: <http://trianglefire.ilr.cornell.edu/> Acesso em 14 de abril de 2020.

educandos, apresentando que o incêndio (comumente e erroneamente associado ao surgimento da data do dia 8 de março), na fábrica em Nova York, reforça uma luta que já estava em discussão fazia algum tempo. Porém, só apenas no ano de 1975, a ONU instituiu o 8 de março como o Dia Internacional da Mulher (BLAY, 2001), tendo, como principal objetivo, colocar em evidência as conquistas femininas e a busca por igualdade.

É importante ressaltar que, durante a palestra, os estudantes podiam participar através de perguntas ou expondo seus conhecimentos sobre a temática. Além disso, notamos que os alunos estavam entusiasmados e curiosos para conhecer e entender esse marco histórico que culminou no Dia Internacional da Mulher. Todas as observações realizadas nessa etapa foram extremamente significativas, uma vez que muitos estudantes não imaginavam o motivo do surgimento desse dia, além de reproduzirem vários estereótipos acerca dessa temática.

2.4 ABORDAGEM FINAL

Ao final dessa sequência didática, reunimos todas as turmas que participaram das atividades oferecidas, e fizemos uma roda de conversa, debatendo sobre os pontos que foram vivenciados nas três etapas anteriores. Além disso, acrescentamos ao debate mais questões importantes, como políticas feministas, identidades e desigualdades. Nesse momento, questionamentos, como “por quais motivos as meninas são destinadas para brincarem de casinha; e meninos, de videogame?”, além de “quem disse que tarefas domésticas são coisas apenas de meninas?”, foram colocados em pauta pelos próprios alunos.

A inquietação surgida nos questionamentos dos alunos nos faz pensar em outro fator importante, o de que, muitas vezes, esses assuntos são pouco abordados dentro dos muros da escola ou até mesmo fora deles. E, na sala de aula, ao propor tais atividades, “é preciso sensibilidade e coragem para lidar com o feminismo com alunos e alunas cujas famílias, muitas vezes, ainda adotam comportamentos tradicionais [...]” (SILVA; SILVA, 2011, p. 149).

Nesta ocasião, de finalização da sequência, colocamos em exposição algumas frases machistas e realizamos suas interpretações. Dizeres como “já sabe cozinhar, então pode casar”, “mulher no volante, perigo constante” ou “isso é serviço de mulher”, são apenas alguns dos exemplos mencionados. Esse tipo de análise é fundamental para a quebra da naturalização de ações que, historicamente falando, estão culturalmente ligadas aos seres humanos dentro de uma ótica da lógica patriarcal. Não podemos deixar de mencionar que realizamos, nesse ponto, abordagens que vão além de questões de gênero. Também foram colocados em pauta conceitos e análises sobre raça e classes sociais, uma vez que não podemos dissociar uma discussão de outra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de discussões sobre a temática de gênero, no ambiente escolar, apresenta significativa importância no que diz respeito às novas formulações acerca do papel feminino nas sociedades contemporâneas. Nesse contexto, ao pensar acerca da igualdade entre homens e mulheres, e levar essas discussões para a escola, procura-se a formação de novos cidadãos com consciência crítica, que desenvolvam o sentimento de equidade.

Nesse novo cenário, buscamos colher frutos no que diz respeito à diminuição dos casos de violência doméstica contra as mulheres, ao alcance da igualdade salarial, aos menores índices do feminicídio, à promoção dos cuidados referentes à saúde da mulher, dentre o combate a outros fatores originários do machismo enraizado em nossa sociedade. Além disso, a adoção de estratégias pedagógicas por parte dos docentes, com o objetivo de promoção de igualdade e respeito, mostra-se fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANSAL, A.; SINGH, M. P.; RAI, B. Human papillomavirus-associated cancers: A growing global problem. **International Journal of Applied and Basic Medical Research**, v. 6, n. 2, p. 84, 2016.

BLAY, E. A. 8 de março: conquistas e controvérsias. **Rev. Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 601-607, 2001.

BOTTON, A.; STREY, M. N. Educar para o empoderamento de meninas: apostas na infância para promover a igualdade de gênero. **Inclusão Social**, v. 11, n. 2, 2018.

Brasil. Ministério da Saúde. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde Série A. Manual técnico. Brasília: Ministério da Saúde, 132p, 2010. Disponível em:<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf> Acesso em 19 de abril de 2020.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2015.

Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_tera_peutica_atencao_integral_pessoas_infecoes_sexualmente_transmissiveis.pdf> Acesso em 19 de abril de 2020.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Boletim Epidemiológico de Sífilis 2019. Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2019. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-sifilis-2019>> Acesso em 19 de abril de 2020.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL – CFESS. *Série assistente social no combate ao preconceito: machismo*. 2019 Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno06-Machismo-Site.pdf>> Acesso em 22 de abril de 2020.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA - CNJ. *Lei Maria da Penha*. 2019. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/lei-maria-da-penha/>> Acesso em 22 de abril de 2020.

EHLICH, K.; TILBURG, K. H. Discurso escolar: diálogo? In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 11, p. 145-172, 1986.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população Brasileira*, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>> Acesso em 19 de abril de 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER – INCA (Brasil). *Sistema de Informação sobre Mortalidade*, 2019. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/numeros-de-cancer>> Acesso em 19 de abril de 2020.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

MARIA, V. M.; ALMEIDA, S.; DA SILVA, A. X.; DE ALMEIDA, B. C.; DE LIMA FURTADO, J.; BARBOSA, R. V. C. A ludicidade no processo ensino-aprendizagem. **Corpus et Scientia**, v. 5, n. 2, 2009.

UNITED NATIONS POPULATION FUND - UNFPA. Motherhood in childhood: facing the challenge of adolescent pregnancy. New York: United Nations Populations Fund - UNFPA, 2013. 132 p. UNFPA state of world population 2013. Disponível em: <<https://www.unfpa.org/publications/state-world-population-2013>>. Acesso em 19 de abril de 2020.

SILVA BUENO, B. L.; AZEVEDO, H. H. D. Empoderamento feminino: trabalhando a autoestima na escola. **Relacult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, n. 4, 2019.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2011.

TORRES, P. L.; ALCANTARA, P.; IRALA, E. A. F. Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem. **Revista diálogo educacional**, v. 4, n. 13, p. 129-145, 2004.

VIEIRA, A. G.; DE CASTRO AERTS, D. R. G.; CÂMARA, S.; SCHUBERT, C.; GEDRAT, D. C.; ALVES, G. G. A escola enquanto espaço produtor da saúde de seus alunos. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, p. 916-932, 2017.